

As epistemologias do sul e o fim do império cognitivo

Marcia Lisbôa Costa de Oliveira¹ 

Resenha de:

SANTOS, Boaventura de Souza. **O fim do império cognitivo**. A afirmação das epistemologias do sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. 477 p.

Numa época como esta, os que lutam contra a dominação não podem contar com a luz no fim do túnel. Terão que levar consigo uma lanterna portátil, uma luz que, mesmo sendo trêmula ou fraca, ilumine o suficiente para que sejam capazes de identificar o caminho como sendo o caminho e, assim, evitar acidentes fatais. Esse é o tipo de luz que as epistemologias do sul podem gerar (SANTOS, 2019, p. 11).

O projeto de transformação da episteme eurocêntrica é um dos eixos da vasta obra de Boaventura de Souza Santos. O compêndio *O fim do império cognitivo* (2019) sintetiza o percurso teórico-prático-político por ele desenvolvido desde a década de 60 do século XX, ao mesmo tempo que aponta para um futuro epistêmico marcado pela esperança.

Trata-se de um compêndio potente. Nele, considerando o cenário contemporâneo, em que o neoliberalismo se torna hegemônico e o norte global assume dominância econômica, cultural e epistemológica, o sociólogo português advoga novas epistemologias e a produção de um pensamento de alternativas que fortaleça as lutas contra a opressão.

Buscando escapar à normatividade que enxerga na atuação dos intelectuais de vanguarda, o autor recusa o papel de guia, preferindo seguir os movimentos sociais e aprender com suas lutas. É, portanto, em posição de retaguarda que, em *O fim do império cognitivo*, ele acende uma lanterna para iluminar o caminho dos que lutam contra a opressão, buscando “[...] contribuir com seu saber para o reforço das lutas sociais contra a dominação e a opressão [...]” (SANTOS, 2019, p. 10).

Para refletir sobre algumas das concepções apresentadas, este texto está dividido em dois movimentos. No primeiro, analisamos a imagem apresentada na capa do livro e pensamos a *razão quente*, que busca se contrapor à racionalidade ocidental.

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Enfocaremos o sentido do termo *corazonar*, relacionando-o ao sul epistêmico e à viragem em relação ao pensamento crítico europeu. No segundo, abordaremos os desafios propostos pelas epistemologias, metodologias e pesquisas pós-abissais.

Corazonar ao sul

A capa da edição brasileira do livro está carregada de sentidos e pode ser lida como sua epígrafe imagética (Figura).



Fonte: Site do Grupo Autêntica².

Figura – Capa do livro *O fim do império cognitivo*.

Observamos um intenso contraste de luminosidades entre a faixa amarela, na qual figuram informações verbais sobre autor, título e subtítulo, e a predominância de azul no fundo da imagem. O equilíbrio entre essas cores opostas é produzido pela diferença entre a saturação das duas cores dominantes, assim, a intensidade marcante da faixa amarela é equilibrada pela menor vivacidade do azul que surge no fundo da imagem.

Destaca-se a pintura *Magnanim@s*, de Mario Vitória (Acrílico sobre tela, 2015), artista que criou capas para nove livros do autor. O título do quadro sinaliza, com a substituição da desinência de gênero pelo símbolo @, a ruptura com paradigmas binários socialmente construídos, além de apontar para a desconstrução da hierarquização de diferenças.

² <https://grupoautentica.com.br/autentica/livros/o-fim-do-imperio-cognitivo/1725>

O adjetivo magnânimo significa generoso, indulgente, benevolente, bom, nobre ou grandioso³. Se considerarmos o conjunto das ideias apresentadas no livro, podemos afirmar que esses adjetivos estão muito relacionados à ética que subjaz à proposta das epistemologias do sul que, de um lado, propugnam a denúncia e combate às desigualdades e injustiças e, de outro, buscam transformar as relações entre sujeitos e saberes a partir da resistência e da mudança. O giro em direção ao sul epistêmico traz consigo a luta, mas também a esperança de um mundo mais justo, fraterno e democrático – mais magnânimo.

A tela *Magnanim@s* se inscreve no eixo temático nomeado pelo artista como *Circo Humano*, que constitui uma das narrativas imagéticas de tom onírico e crítico por ele criadas entre 2006 e 2017.

A forma situada ao centro aparece como um motivo importante na imagética desse artista, sendo recorrente em telas do eixo *Circo Humano*, produzidas em diferentes períodos. Recorrendo ao *site* de Mario Vitória⁴ e ao inventário organizado por Ana Carmem do Nascimento Silva para sua pesquisa de doutoramento (SILVA, 2017), localizamos sete obras em que surge esse motivo, mais recorrente na série pintada em 2012.

A imagem assemelha-se a uma rocha e está coroada por um cume, o qual, por sua vez, é circundado por cones pontiagudos. Essa forma, a nosso ver, representa um coração flutuando sobre dois corpos sem cabeças. A ausência de cabeças indicia essa ruptura com o modo eurocêntrico de produzir conhecimento, na medida em que a cabeça, como representação do cognitivo, opõe-se ao coração e representa o giro epistêmico que a obra de Santos afirma.

Vemos também nessa imagem uma representação do aquecimento da razão pela emoção, expresso por Santos no *corazonar*, conceito de povos andinos que concebe a corporalidade do saber e incorpora afetos, emoções e sentimentos e espiritualidade. O abraço dos corpos sem cabeça, quase uma fusão, pode ser lido como uma representação da reciprocidade e da comunhão inerentes ao *corazonar*, e como marca da nova episteme, feita de encontros e partilhas. Assim, *O fim do império cognitivo* é também a emergência de novas formas de pensar, fazer e conhecer colocarão em movimento uma ecologia de saberes. Esse giro em direção ao sul epistêmico traz consigo a luta e a esperança de um mundo mais justo, fraterno e democrático – mais magnânimo.

³ <http://www.aulete.com.br/magn%C3%A2nimo>

⁴ <http://www.mariovitoria.com/circo-humano/preterito-perfeito/>

Epistemologias, metodologias e pesquisas pós-abissais

Santos reafirma nesse livro a ideia de que o pensamento crítico europeu, inclusive o marxismo, não é suficiente como fundamento da transformação epistêmica necessária, por isso deve ser questionado e ultrapassado. A busca de alternativas às epistemologias do norte, tanto conservadoras, quanto críticas, é o problema central com o qual se defronta no livro, em que as epistemologias do sul configuram alternativas potenciais para a ultrapassagem do norte epistêmico.

Pensar o sul como episteme não significa negar todos os conhecimentos produzidos no norte, mas pensar alternativas advindas de modos de produzir conhecimento nascidas da luta por direitos e de saberes invisibilizados, por estarem do outro lado das linhas abissais que constituem metáforas da exclusão radical. Essas linhas representam os abismos intransponíveis que se colocam entre quem é considerado relevante e quem é produzido como inexistente. A emergência de conhecimentos antes invisibilizados está no cerne das epistemologias do sul.

O desenvolvimento de pesquisas nessa perspectiva porta grandes desafios no que concerne à necessária reinvenção metodológica e ao enfrentamento das bases epistemológicas da exclusão abissal – capitalismo, colonialismo e patriarcado. Romper com a ciência abissal significa abandonar o extrativismo metodológico e a cisão sujeito-objeto, praticando o *saber-com* os grupos subalternos. Compartilhando com as vítimas de exclusões abissais o combate às causas estruturais do sofrimento injusto, a pesquisa pós-abissal pode contribuir para o despertar da esperança no enfrentamento da injustiça sistêmica.

Santos trata esse aspecto como dimensão curativa ou terapêutica da investigação, que está ligada à relação entre cura e verdade, com repercussões nas “práticas de resistência e luta contra exclusões abissais” (SANTOS, 2019, p. 232) e à relação entre cura e mudança social, que precisam acontecer “no aqui e agora e devem ser capazes de originar alterações concretas nas experiências existenciais dos grupos sociais que são vítimas do sofrimento injusto”.

No campo epistêmico duas tarefas desafiadoras para a pesquisa pós-abissal são o empreendimento da *desmonumentalização do conhecimento escrito e arquivístico* e a *promoção de autorias cognitivas outras*, num processo de coconhecimento que revolucione a teoria e a epistemologia, articulando ecologias de saberes, intelectualidade de retaguarda e artesanias das práticas.

Essa transformação epistêmica pode ter um impacto importante na universidade, pois essa instituição, embora seja um espaço de crítica e construção do conhecimento, ainda assume uma concepção dominante e do conhecimento que se funda na hierarquização. Assim, legitima o saber científico em detrimento de outras formas de conhecimento e contribui para a marginalização de grupos sociais portadores de outros saberes, reforçando a injustiça cognitiva. Isso porque o modelo ocidental de universidade tem como base epistêmica o pensamento moderno/colonial, o qual tende a reproduzir o eurocentrismo teórico-filosófico, bem como o racismo e o sexismo imbricados em suas estruturas.

Santos reflete sobre o sentido do radical *-uni* e afirma a necessidade de que a *universidade* se torne *pluriversidade*, decolonizando-se e abrindo-se aos saberes que até então silenciou. Como todo processo de descolonização, a invenção da *pluriversidade* será complexa e envolverá transformações radicais.

Diante dos desafios impostos pelo momento histórico tensionado, dividido, excludente e exacerbado em que vivemos, o livro de Santos nos impele a transformar nossas práticas acadêmicas de forma radical. Ele nos coloca o desafio de reinventar os modos *norteados* de produzir conhecimento acadêmico, para que vivamos em uma sociedade na qual o medo e a esperança sejam distribuídos de forma mais equânime, envolvendo-nos pessoalmente nas lutas pela ultrapassagem das linhas abissais na teoria, na pesquisa, na pedagogia e na experiência cotidiana.

Referências

SILVA, A. C. N. *Um estudo social de imagens: significados e pluridiversidade na obra de Mario Victória*. 2017. 255 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) — Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN, 2017.

Submetido em: 11/06/2020

Aceito em: 04/12/2021

Sobre os autores

Marcia Lisbôa Costa de Oliveira

Professora Adjunta do Departamento de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

E-mail: marcia.lisboa.oliveira@uerj.br